

OS MILITARES E OS PROBLEMAS SOCIAIS

Ten.-Cel. RIOGRANDINO DA COSTA E SILVA

I

IMPORTANCIA E NECESSIDADE DO ESTUDO DA QUESTÃO

É possível que a simples enunciação do título destas notas venha a causar estranheza em muitos camaradas e suscitar, naturalmente, indagações e perguntas como as seguintes:

— Que têm os militares a ver com os problemas sociais?

— Para que distrair a atenção, quem sabe perder tempo, com questões dessa natureza, que podem facilmente levar ao debate de assuntos inconvenientes, ou perigosos, no seio das classes armadas?

— Não é bastante, ou suficiente, a um militar, conhecer perfeitamente as prescrições dos regulamentos, a nomenclatura e o emprêgo tático do armamento, de modo a poder conduzir acertadamente a tropa de seu comando e empregá-la bem, taticamente, na ocasião oportuna e necessária?

Essas e outras interrogações semelhantes poderão ocorrer diante do tema relativo à questão social e os militares, porém somente os menos avisados, ou os que apenas superficialmente conhecem a importância da missão social das forças armadas, poderão negar o interesse, digamos mesmo a necessidade, que têm os militares de conhecer os problemas sociais da época contemporânea.

Para explicar e plenamente justificar esse interesse e essa neces-

sidade, nem se faz mister aprofundar considerações de ordem política e econômica, pois a própria observação dos acontecimentos que se desenrolam no cenário mundial deixa transparecer claramente como e porque incumbe, obrigatoriamente, a qualquer militar — muito particularmente aos oficiais de todos os postos — procurar ter uma idéia atual e correta a respeito das questões de natureza social.

Ninguém ignora, com efeito, que os povos vivem atualmente, em todos os quadrantes do globo, premidos e assoberbados pelos problemas de ordem econômica. A crise em que, desde vários séculos, se vem debatendo a humanidade apresentava-se sob uma triplíce modalidade: religiosa, cultural e econômica, mas hoje em dia assume um aspecto quase que exclusivamente econômico. Passada a fase turbilhonante de intenso liberalismo, que os concretizou, por assim dizer, na Revolução Francesa, transformando-se na tragédia angustiante que a herança terrível das duas grandes guerras ainda mais agravou, os homens de bem procuram as fórmulas salvadoras que garantam a paz à humanidade. O fator econômico, entretanto, domina tôdas as soluções tentadas, propostas ou experimentadas, estruturando-se nessa base, especialmente, as formas de auxílio aos povos pouco desenvolvidos, ou às nações mais duramente atingidas

pelo último conflito mundial, tanto para resolver suas dificuldades financeiras, como as de organização política e social.

É mesmo tão expressiva e acentuada essa preponderância, como sinal evidente da aflitiva situação em todo o mundo, que ainda antes de assumir a crise os graves aspectos atuais já um esclarecido sociólogo afirmava categoricamente que

"a fórmula de nossa época é realizar, num espaço restrito e com meios restritos, o máximo de resultados econômicos, sendo esta fórmula não mais liberdade, mas organização".

PARADOXO DA DESORIENTAÇÃO UNIVERSAL

Observando-se, no entanto, como se realiza essa organização, verifica-se, no momento, que não mais se preocupam os governos unicamente com a economia; antes, atendendo a imperativos mais fortes, a circunstâncias mais prementes — porque dizem respeito à própria sobrevivência dos povos no regime de liberdade — os responsáveis pelos destinos desses povos cuidam, em primeiro lugar e com especial atenção, de aparelhá-los convenientemente para a defesa de suas liberdades fundamentais, mais ainda do que para a defesa nacional.

É continua-se a notar-se, a esse respeito, o maior paradoxo de um mundo que parece marchar às toltas em busca de não se sabe que destinos: enquanto as nações mais acentuam seus propósitos e desejos de paz, mais e mais aumentam seus preparativos para uma nova guerra, como se procurassem cimentar no ódio e na desconfiança a fraternidade universal e o espírito de colaboração e assistência mútua. Isso resulta, porém, do fato de que, reunidos os homens para dirimir as querelas e desinteligências internacionais, em vez de conseguirem a união sob o signo da paz e da tranqüilidade dos povos, veio o mundo moderno a ficar dividido "profunda e decisivamente em duas zonas incomensuráveis —

a comunista e a não-comunista", — conforme a observação de James Burnham, tentando a zona comunista infiltrar-se, na realidade, em todas as áreas geográficas da terra, inclusive no interior de cada nação e independente de suas fronteiras oficiais.

É assim que, sangrando ainda das ruínas e monstruosidades da última hecatombe, o mundo desvalado de hoje chega à situação alarmante em que se encontra, com o fantasma sinistro da guerra a pairar de novo, ameaçadoramente, sobre a humanidade inteira.

A GUERRA — UMA GRAVE REALIDADE

Por obrigação profissional, todavia, temos de encarar a guerra como uma eventualidade com que sempre nos podemos defrontar, embora não desejada. É assim — hoje mais ainda do que em qualquer outra oportunidade — mister se faz que tenhamos uma visão nítida do assunto.

"A guerra é realidade — já acentuava o General Ludendorff — a realidade das mais graves na vida de um povo". Mas, hodiernamente, essa realidade grave assume caráter todo especial. Não mais se trata de um duelo entre exércitos nacionais, como outrora e até há pouco, porém, sim, de uma luta titânica de povos inteiros, ou de conglomerado de nações, cujos destinos se lançam por completo na balança e à sorte das armas, para serem decididos não apenas nas frentes de batalha, mas em todo o território dos países em guerra.

Tem-se o que o antigo Chefe do Estado-Maior Alemão chamava de "guerra total", cujo conceito leva o meio preconizado por Clausewitz para aniquilar o adversário — o simples aniquilamento de seus exércitos — a um âmbito muito mais amplo, a uma amplitude já-mais imaginada, de molde a envolver nações inteiras e raças as mais diversas. É que "o caráter da guerra total exige todo o potencial de um povo" e, por isso mesmo, os problemas que lhe dizem respeito, interessando à capacidade de resistência dos povos em luta,

abrangem tôda a coesão anímica desses mesmos povos, o verdadeiro Exército da atualidade, e tôda a economia nacional vem a ser orientada no sentido de dotar os elementos que constituem as forças armadas — o povo, em última análise — de todo o apôio material e moral para a campanha. A guerra, enfim — segundo expressões de Von der Goltz — em sua forma moderna, penetra profundamente na vida política, social e econômica das nações.

E o inverso não é menos verdadeiro, como podemos concluir perfeitamente através das seguintes considerações de autorizada publicação do Estado-Maior de nosso Exército :

"Tão complexas se fazem as questões militares nos tempos atuais de guerra total que os grandes países procuram, desde o tempo de paz, estabelecer colaboração entre os responsáveis pela direção dos grandes departamentos de sua vida, através dos Conselhos de Segurança Nacional, permitindo assim aos seus estadistas e chefes militares o conhecimento das necessidades e possibilidades dos diferentes setores. Não seria exagero acrescentar que, hoje em dia, as figuras dos grandes generais revestem também a de notáveis estadistas, tão identificadas andam as duas e tão brilhantes e numerosos são os exemplos por tôda a parte. (*"Direção da guerra e política agem de comum acôrdo e o general em chefe faz-se também estadista"* — já ensinava Von der Goltz)".

Aludindo, então, ao conhecimento, à segurança e à clara e alta visão com que os chefes mais ilustres dos grandes Exércitos se referem a qualquer problema importante, nacional ou internacional, ainda afirmava a mesma publicação que

"o saber, a cultura, o amor ao estudo sempre foram apanágio dos grandes capitães de todos

os tempos. Sejam, na antiguidade, Ciro ou Alexandre; nos tempos romanos, Scipião ou Cesar; nos tempos modernos, Frederico ou Napoleão, todos esses altos exemplos foram inteligências sequiosas de cultura, abertas a todos os conhecimentos, procurando alcançar a vista geral e compreensiva que os distinguiram e notabilizaram".

O TEMPO QUE PASSOU

Dentro dessas idéias, precisamente, é que o General Paul Azan — citado no estudo que vimos acompanhando — afirmou, então, de modo claro e incisivo :

"Já passou o tempo em que um oficial, porque adquirira conhecimentos históricos, sociais, econômicos, geográficos, financeiros, comerciais ou literários, era acusado de não ser um "verdadeiro militar" e em que sua liberdade de julgamento constituía um obstáculo à promoção. O que ontem era uma falta é, hoje em dia, qualidade e, graças a isso, será feito um melhor recrutamento de chefes".

Não pode haver dúvida, portanto, de que as interrogações a que aludimos de início só ocorrerão — se isso se der — a espíritos menos avisados, ou que desconheçam por completo a complexa e elevada missão social das forças armadas, na época atual. Ora, decorre daí, exatamente, a importância e a necessidade do estudo dos problemas sociais para os militares em geral e para os oficiais em particular, ainda mais que a situação presente se caracteriza, no mundo, por uma luta gigantesca em torno de ideologias contraditórias, constituindo o conhecimento das doutrinas sociais não apenas um coroamento de cultura individual, mas "a própria base da concepção política que deve possuir todo homem com responsabilidades na coletividade nacional".

ROTEIRO PARA UM ESTUDO DA QUESTÃO

Nas despreziosas notas que divulgaremos a seguir, procuramos reunir algumas considerações já oferecidas, há alguns anos, à meditação de muitos companheiros de arma. Nelas abordamos o socialismo e suas causas, estudando mais demoradamente o seu aspecto de maior atualidade, qual seja o comunismo soviético, para evidenciar não apenas as misérias que tem acarretado em sua prática, como também os seus erros fundamentais e suas refalsadas mistificações, de que tantos males têm resultado para toda a humanidade.

Vamos começar, entretanto, por tentar empreender um resumo da questão social, desde os "primeiros sinais de revolta" até que começaram a surgir os protestos solenes e formais às doutrinas socialistas na sua fase ainda um tanto teórica, digamos assim, deixando para apreciar os aspectos modernos, de caráter revolucionário comunista, em partes posteriores, a serem publicadas oportunamente.

Com esse roteiro para o estudo da questão, passemos, pois, à síntese que procuramos esboçar e que será o assunto do próximo número de "A DEFESA NACIONAL".

A seguir: Síntese do desenvolvimento da questão social.

BOAS FESTAS E FELIZ ANO NOVO

(Agradecimento e retribuição)

"A Defesa Nacional" agradece e retribui as seguintes mensagens de fraternidade recebidas por ocasião da passagem do ano:

Coronel Alberto Bergalli, Diretor do Serviço Geográfico da República Oriental do Uruguai.

Cmt. e Oficiais da Fortaleza de S. João

Multigraph do Brasil S.A.

Janér, Cia. Comércio e Indústria.

Major Darcy Vignoli e Senhora.

Pedidos de Livros

Escreva o título da obra e o nome de seu autor — Quantos volumes deseja e o seu nome e endereço — Os pedidos via rádio devem ser feitos pelos companheiros que servirem em guarnições longínquas — "A Defesa Nacional" adquire e remete pelo sistema reembolsável qualquer livro das livrarias desta Capital